



ESTRUTURA DE POSSE DE ESCRAVOS EM SÃO PAULO E MINAS GERAIS NO INÍCIO DO SÉCULO XIX: SIMILITUDES E DESSEMELHANÇAS

Iraci del Nero da Costa *
Universidade de São Paulo - USP
idd@terra.com.br

Francisco Vidal Luna **
Universidade de São Paulo - USP
fyluna@terra.com.br



www.revistafenix.pro.br

RESUMO. Neste texto indicamos as muitas semelhanças e as poucas dissimilaridades existentes, ao abrir-se o século XIX, nas estruturas de posse de escravos de São Paulo e Minas Gerais, duas capitânicas limítrofes que, à época, conheciam momentos econômicos distintos. Enquanto em Minas Gerais o clima era de esgotamento da atividade de exploração do ouro e dos diamantes, em São Paulo se conhecia o dinamismo decorrente da ampliação das atividades agrícolas. Mesmo assim, os dados contemplados em nosso estudo revelaram que as referidas estruturas de posse de cativos guardavam um alto grau de similitude. Ademais, o perfil de tais estruturas diferia radicalmente daquele desenhado pela historiografia brasileira tradicional.

PALAVRAS-CHAVE: Escravidão – Estrutura de posse de escravos – São Paulo e Minas Gerais.

SLAVE OWNERSHIP STRUCTURE IN SÃO PAULO AND MINAS GERAIS: SIMILARITIES AND DISSIMILARITIES

ABSTRACT. In this article we point out some of the many similarities and few differences in the slaveholding structures in São Paulo and Minas Gerais in the nineteenth century. Those two Brazilian

* Professor Livre-docente aposentado da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP. Coordenador do Núcleo de Estudos em História Demográfica – NEHD.

** Professor Doutor aposentado da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP.

capitanias experienced distinct economic moments at that time. While Minas Gerais was undergoing a decline in its gold and diamond mining economy, São Paulo showed a dynamic growth in its agriculture. Despite those differences, the data analyzed in our study reveal a substantial similarity between the slaveholding structures of both *capitanias*. Moreover, the characteristics of those structures differed dramatically from what is described in the traditional Brazilian historiography.

KEYWORDS: Slavery – Slaveholding structures – São Paulo and Minas Gerais.

Neste artigo procuramos evidenciar, de maneira simples e direta, algumas das semelhanças e dissimilaridades existentes, ao abrir-se o século XIX, nas estruturas de posse de escravos que vigoravam em São Paulo e Minas Gerais, capitânicas limítrofes, porém que, à época, vivenciavam momentos econômicos distintos. Momentos estes os quais, não obstante, também revelavam pontos de contato. Assim, enquanto em São Paulo colhiam-se os frutos da recuperação econômica devida à ação do Marquês de Pombal e do Morgado de Mateus e assentada na agricultura, em Minas Gerais dava-se a superação da atividade exploratória do ouro e dos diamantes e definia-se, igualmente, a atividade agrícola como elemento capaz de dar sustentação a uma economia que conhecera um período de intenso dinamismo.

A fim de alcançarmos o objetivo acima explicitado servimo-nos dos dados de arrolamentos populacionais de dez localidades paulistas e de outras tantas situadas em Minas Gerais. Para São Paulo utilizamos como fontes primárias códices do Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo (AESP) conhecidos como *Maços de População*. Com respeito a Minas Gerais tomamos, para Santa Luzia de Sabará, a "Relação dos Confessados", de 1790; relativamente aos demais centros – Mariana, Gama, Vila Rica, Passagem de Mariana, Sertão do Abre Campo, Capela do Barreto, Furquim, Nossa Senhora dos Remédios e São Caetano – adotamos fontes documentais de 1804, todas elas originárias da coleção denominada *Acervo da Casa dos Contos* (MG).

Quando pensamos nos núcleos populacionais paulistas aqui estudados, mesmo que devamos levar em conta estarmos a tratar de uma economia relativamente pobre, deve-se ter presente a constatação de que, ao fim do século XVIII e início do XIX, a Capitania de São Paulo mostrava claros sinais de uma vitalidade econômica com a qual jamais contara. Tratava-se de uma sociedade essencialmente voltada para a agricultura e na qual os centros urbanos, bem como as atividades artesanais, representavam papel modesto. Além de dois produtos principais – açúcar e aguardente – os paulistas

dedicavam-se ao cultivo do algodão, arroz, mandioca, milho, feijão, tabaco e, em escala ainda praticamente insignificante, à cultura do café.

Correlatamente ao impulso econômico acima referido, na base do qual encontrava-se o restabelecimento da produção açucareira, deram-se importantes movimentos populacionais que envolveram tanto as pessoas – livres ou cativas – já residentes na colônia, como decorreram da entrada de novos escravos trazidos da África e dirigidos para as culturas em expansão.

Consideramos os elementos quantitativos empíricos referentes aos seguintes núcleos paulistas: Campinas, Curitiba, Guaratinguetá, Iguape, Itu, Jacareí, Lorena, Moji das Cruzes, São Sebastião e Sorocaba. Além da sua importância econômica, pois os engenhos de açúcar faziam-se presentes em escala significativa em Campinas, Guaratinguetá, Itu e São Sebastião, este conjunto de localidades revela-se altamente significativo por dois outros aspectos: em primeiro, por conter centros localizados nas distintas regiões representativas do espaço ecumênico e da economia paulista da época; em segundo, porque seus habitantes correspondiam a cerca de um terço da população então existente na capitania.

Quanto aos núcleos mineiros selecionados para análise, ainda que pudéssemos arrolar similitudes genéricas entre suas populações, é forçoso reconhecer que entre elas existiam significativas discrepâncias. Tais dessemelhanças, a nosso ver, referir-se-iam, em última instância, aos condicionamentos derivados de distintos substratos econômicos. Destarte, o maior ou menor peso de atividades vinculadas à lida exploratória e/ou à produção agrícola, os destinos alternativos dados ao produto gerado pelo amanho da terra, o grau relativo de desenvolvimento de ocupações artesanais ou englobadas no setor de serviços, assim como o correlato nível de urbanização comporiam o elenco de características definidoras dos vários embasamentos infra-estruturais nos quais enraizar-se-iam as diferentes estruturas socioeconômicas que distinguiam tais centros.

Vila Rica, Passagem e Mariana enquadravam-se no que se poderia chamar estrutura populacional *urbana*; assim, tendo em conta os três setores classicamente definidos pelos economistas, nestes núcleos observava-se modesta participação do primário, domínio do secundário e presença marcante dos serviços.

Numa categoria por nós tida como *rural-mineradora* arrolamos os distritos de Abre Campo, Gama e Capela do Barreto. Tais núcleos distinguiam-se pela agricultura

voltada para a comercialização (Capela do Barreto) ou pela dominância da atividade exploratória baseada, provavelmente, na existência de lavras auríferas relativamente ricas. Neste último caso, ao que parece, os habitantes "especializavam-se" na mineração. No Abre Campo, à lida aurífera conjugava-se a agricultura de subsistência destinada à manutenção do pessoal empenhado na faina extrativa. Ainda que no Gama residissem alguns mineradores com avultado número de escravos, também nele desenvolvia-se a agricultura de subsistência. Referentemente aos setores produtivos patenteava-se a inexpressividade do terciário (a girar em torno de 10%) e a preponderância absoluta do primário ou do secundário, evento este a depender do primado da agricultura ou da mineração.

Os núcleos nos quais encontramos a estrutura identificada como *intermédia* – Furquim, São Caetano e Santa Luzia de Sabará – diferenciavam-se pela notória decadência da atividade aurífera, pelo desenvolvimento da agricultura de subsistência voltada para a comercialização e pela ocorrência da faina agrícola destinada ao autoconsumo. Os três setores econômicos viam-se expressivamente representados nas localidades em foco. Com exclusão de Santa Luzia de Sabará – distrito para o qual faltaram informações –, o peso relativo do primário girava em torno de 21%, o do secundário de 49% e o do terciário colocava-se por volta de 30%.

Já a categoria *rural de autoconsumo* definiu-se em apenas um dos centros contemplados neste trabalho: o distrito de N. Sra. dos Remédios. Nele praticava-se a agricultura de subsistência votada ao autoconsumo. Tal fato refletia-se claramente nos pesos relativos concernentes aos setores econômicos. Destarte, ao primário correspondia 63%, ao secundário 20% e aos serviços tão somente 17%. Entre as atividades artesanais cabia papel dos mais significativos às fiandeiras, as quais, certamente, utilizavam o algodão cultivado no próprio distrito.

Muito embora a representatividade numérica da parcela populacional residente nesses núcleos mineiros não se equipare ao peso relativo representado pela que habitava os centros paulistas aqui escrutinados, a simples caracterização da diversidade qualitativa daqueles primeiros parece-nos bastante para afirmar a substancialidade das conclusões postas adiante.

ESTRUTURA DE POSSE

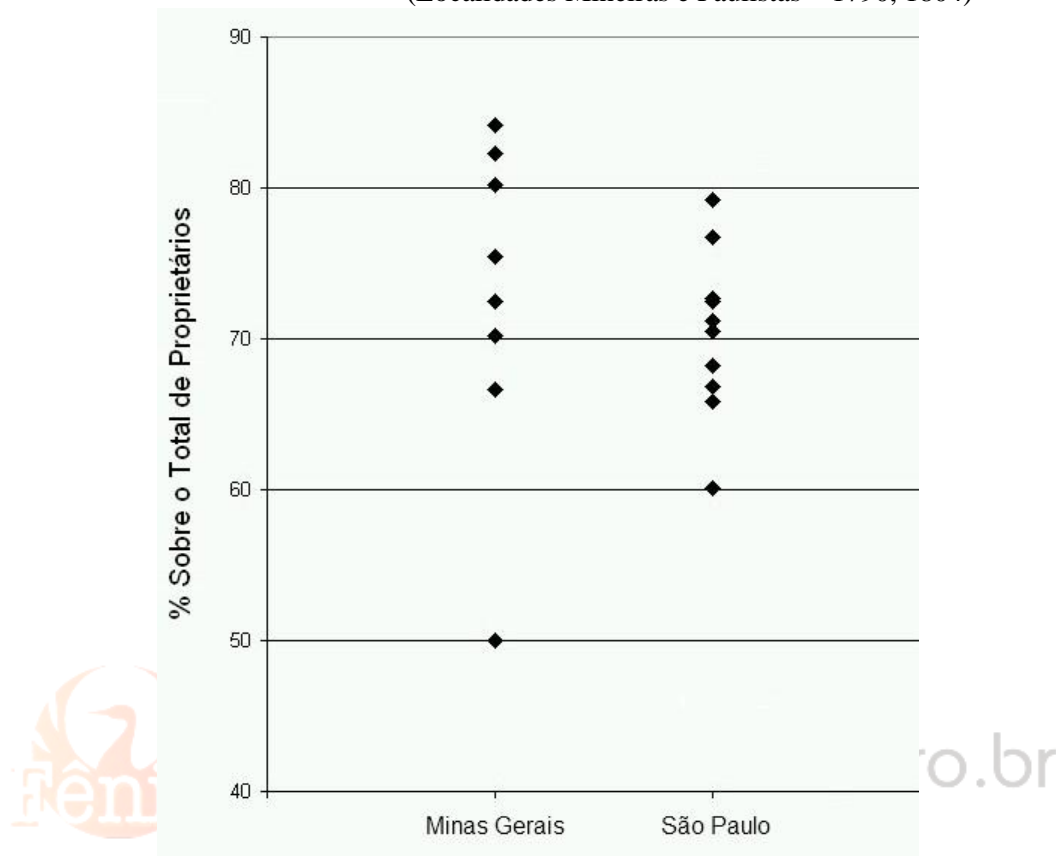
A Moda, vale dizer, a classe de maior frequência com respeito aos proprietários de cativos, indica que os possuidores de apenas um escravo apareciam, na maioria esmagadora dos núcleos estudados, como a categoria quantitativamente dominante (Cf. Tabela 1 do Apêndice Estatístico, doravante A. E.). Apenas São Caetano (cuja moda era 2) e Capela do Barreto (com moda igual a 4), ambos em Minas Gerais, escaparam deste padrão. Esta verificação, aliada às que colheremos adiante quando considerarmos as várias faixas de tamanho de plantel, aponta inequivocamente para duas relevantes conclusões: em primeiro, para a expressiva presença dos pequenos proprietários de escravos na área aqui analisada; em segundo, para o fato de tal participação ser generalizada, ou seja, não era característica de uma ou outra localidade com moradores menos abonados, mas revelava-se altamente representativa em todos os casos aqui reportados. Vejamos, pois, o que nos reserva o detalhamento da posse de cativos segundo o tamanho das escravarias.

Tomando-se a Tabela 2 do A. E. percebe-se, de imediato, o grande peso relativo que correspondia ao pequeno proprietário; assim, os senhores com cinco ou menos cativos representavam mais de 70% dos proprietários em sete dos núcleos mineiros e em seis daqueles colocados em São Paulo. Um modo simples e imediato de visualizarmos as altas porcentagens referentes a tais donos de cativos nos é oferecido no Gráfico 1. Dele infere-se que ambas as capitânicas assemelhavam-se no respeitante à variável em tela; destarte, enquanto em Minas Gerais o espaço ocupado pelos detentores de até cinco escravos variava entre 50,0 e 84,2%, em São Paulo havia uma dispersão um tanto menor, muito embora fosse igualmente eloquente: de 60,1 a 79,2%.

Não nos deve escapar que o maior peso relativo de escravistas menos abastados ocorria, em Minas Gerais, justamente nos centros mais caracteristicamente urbanos (Vila Rica, Passagem e Mariana) e em N. Sra. dos Remédios, localidade esta marcada pela economia de subsistência dirigida, sobretudo, para o autoconsumo. Como avançado na abertura deste trabalho, em Gama e Abre Campo, cuja participação era a menor (50%), ainda se dava a atividade exploratória do ouro. Já em São Paulo, os centros produtores de açúcar – Campinas, Guaratinguetá, Itu e São Sebastião – distinguiram-se por percentuais menos elevados; justamente nestes núcleos é que se observaram as porcentagens inferiores aos 70% mencionados acima.

GRÁFICO 1
PORCENTUAIS DE ESCRAVISTAS DETENTORES DE 1 A 5
CATIVOS SOBRE O TOTAL DOS PROPRIETÁRIOS DE CADA
LOCALIDADE

(Localidades Mineiras e Paulistas – 1790, 1804)

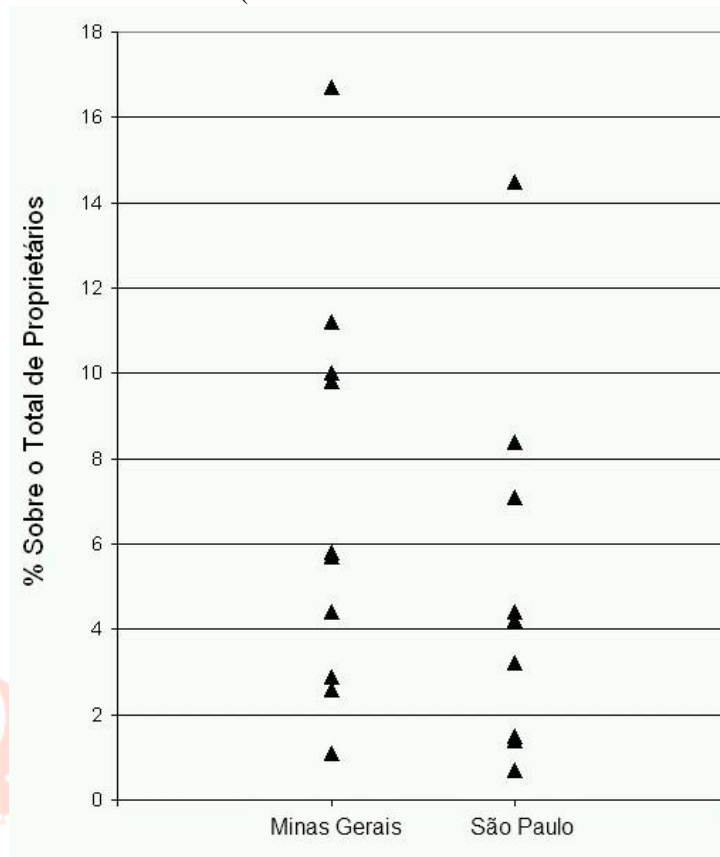


Correlatadamente, caso voltemos nossa atenção para os proprietários de 21 e mais cativos, deparar-nos-emos com um panorama similar ao relatado acima (Cf. Tabela 2 do A. E. e Gráfico 2).

Destarte, além da parecnça entre as distribuições referentes às duas capitânias, em Minas predominavam os moradores do Abre Campo, de Gama e da Capela do Barreto na qual, como já anotado, praticava-se a agricultura voltada para a comercialização; já entre os paulistas cabia realce aos proprietários dos centros açucareiros e de Lorena e Areias nas quais dava-se início, ainda tímido, ao cultivo do café.

GRÁFICO 2
PORCENTUAIS DE ESCRAVISTAS DETENTORES DE 21 E
MAIS CATIVOS SOBRE O TOTAL DOS PROPRIETÁRIOS DE
CADA LOCALIDADE

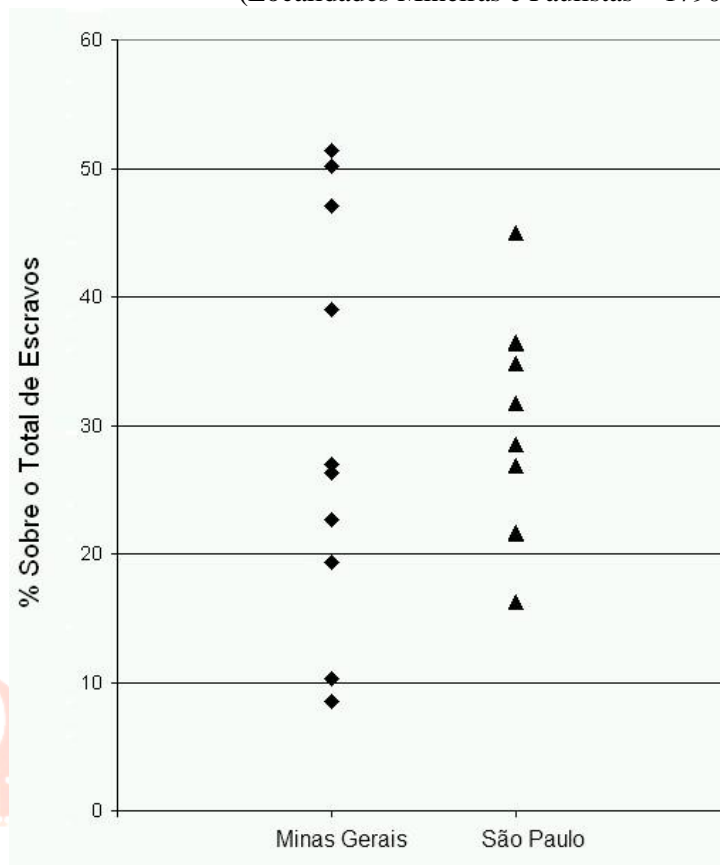
(Localidades Mineiras e Paulistas – 1790, 1804)



Ao plotarmos os valores respeitantes aos percentuais de cativos detidos pelos proprietários com até cinco cativos vemos desenhar-se uma figura muito similar à relativa à distribuição dos escravistas (Cf. Gráfico 3). Assim a participação mineira era mais larga, indo dos 8,5 aos 51,4%; já entre os paulistas tal espaço variava entre 16,2 e 45%. Em Minas os níveis superiores continuavam sendo ocupados pelos núcleos urbanos (Mariana, Passagem e Vila Rica) e por N. Sra. dos Remédios.

GRÁFICO 3
PORCENTUAIS DE ESCRAVOS DOS DETENTORES DE 1 A 5
CATIVOS SOBRE O TOTAL DOS ESCRAVOS DE CADA
LOCALIDADE

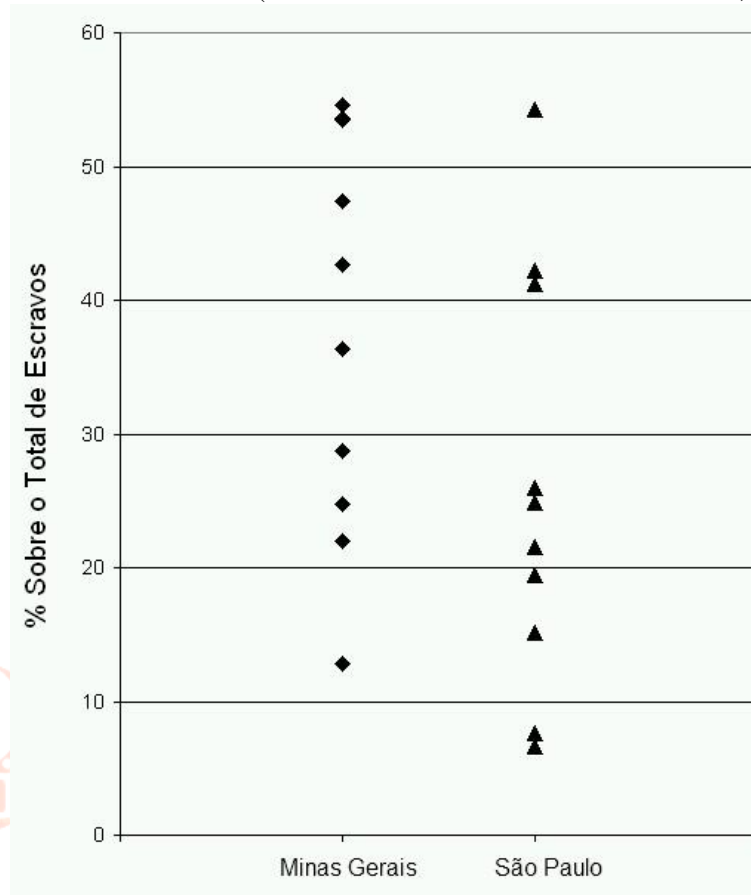
(Localidades Mineiras e Paulistas – 1790, 1804)



Quanto a São Paulo, como esperado, as menores porcentagens correspondiam justamente aos centros açucareiros; de toda sorte, deve-se frisar com ênfase que, mesmo nas localidades nas quais predominava a produção do açúcar, os escravistas mais modestos comandavam de 16,2 a 26,8% da mão-de-obra cativa.

Relativamente aos cativos possuídos pelos escravistas de maior porte cumpre, antes do mais, destacar que, mesmo se não chegassem a compor uma grande parcela dos proprietários – a maior participação por eles alcançada deu-se no Abre Campo e restringiu-se a 16,7% – detinham, em muitos centros, parte substantiva da escravaria; assim, em oito das localidades estudadas dominavam mais do que 40% da mão-de-obra cativa (Cf. Gráfico 4).

GRÁFICO 4
PORCENTUAIS DE ESCRAVOS DOS DETENTORES DE 21 E
MAIS CATIVOS SOBRE O TOTAL DOS ESCRAVOS DE CADA
LOCALIDADE
(Localidades Mineiras e Paulistas – 1790, 1804)

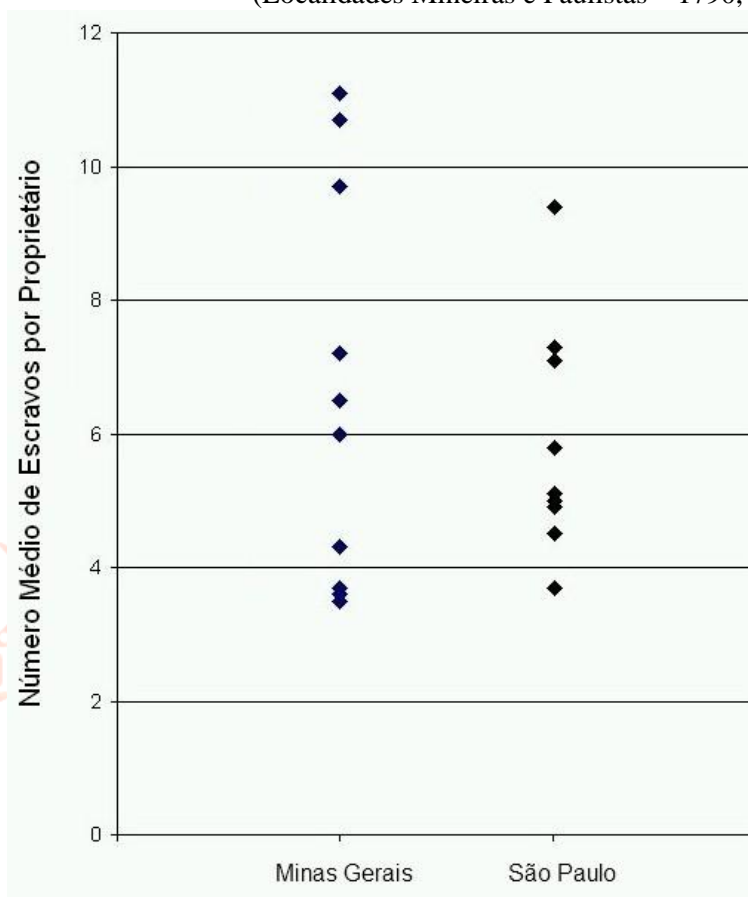


Além dessa última constatação faz-se mister repisar as semelhanças existentes entre as duas áreas em confronto. Destarte, afora um centro mineiro (a urbanizada Vila Rica) e quatro núcleos paulistas de menor expressão (Curitiba, Iguape e Xiririca, Jacareí e Moji das Cruzes) em todos os demais a participação dos escravistas mais abastados superava mais de 20% do total de cativos possuídos.

Ainda se a esta altura pareça suficientemente demonstrada nossa opinião a respeito do "parentesco" entre as estruturas de posse aqui apresentadas, é aconselhável enriquecermos nossa pesquisa tomando em conta mais três indicadores estatísticos quase sempre utilizados em estudos comparativos; referimo-nos ao número médio de cativos pertencentes a cada um dos proprietários, à participação relativa dos domicílios (ou *fogos*, como se dizia à época) nos quais faziam-se presentes cativos e ao Índice de Gini, o qual indica o grau de concentração de um atributo, em nosso caso a propriedade escrava, e varia entre 0 (distribuição absolutamente harmônica: todos proprietários

possuem o mesmo número de cativos) e 1 (concentração absoluta: um só indivíduo detém todos os escravos da localidade). Concentremo-nos, pois, nestes adjuvantes estatísticos.

GRÁFICO 5
NÚMERO MÉDIO DE ESCRAVOS POSSUÍDOS POR
PROPRIETÁRIO
(Localidades Mineiras e Paulistas – 1790, 1804)

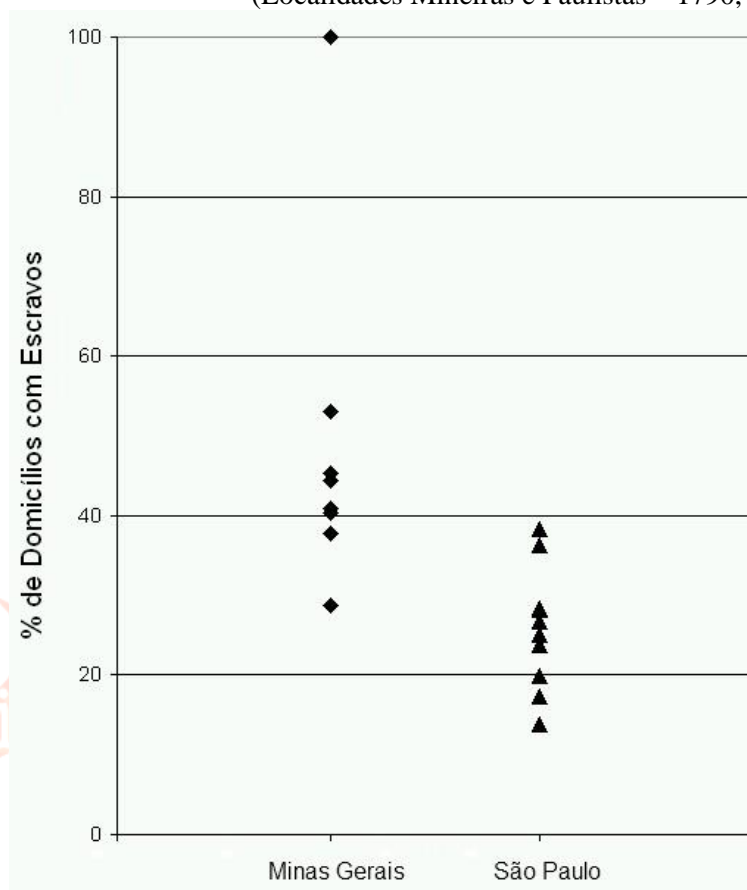


Como se depreende do Gráfico 5 (acima colocado), os valores assumidos pelo número médio de cativos pertencentes a cada proprietário concentravam-se, na maioria esmagadora das localidades estudadas, na faixa dos 3,5 aos 9,7 cativos, os dois valores superiores a 10 concerniam, justamente à Capela do Barreto e ao Abre Campo os quais, como repisado acima, em face das atividades econômicas neles desenvolvidas, eram mais exigentes em termos da mão-de-obra cativa.

Não obstante, o valor máximo de 11,1 observado no centro mineratório do Gama não se afastava em muito daquele de 9,7 vigente, também, num núcleo no qual ainda se dava a exploração do ouro, qual seja: o Abre Campo. Impõe-se, pois, a

constatação de que as localidades mineiras e paulistas não diferiam muito quanto ao comportamento da variável em foco.

GRÁFICO 6
DISTRIBUIÇÃO PORCENTUAL DOS DOMICÍLIOS QUE
DETINHAM ESCRAVOS
(Localidades Mineiras e Paulistas – 1790, 1804)

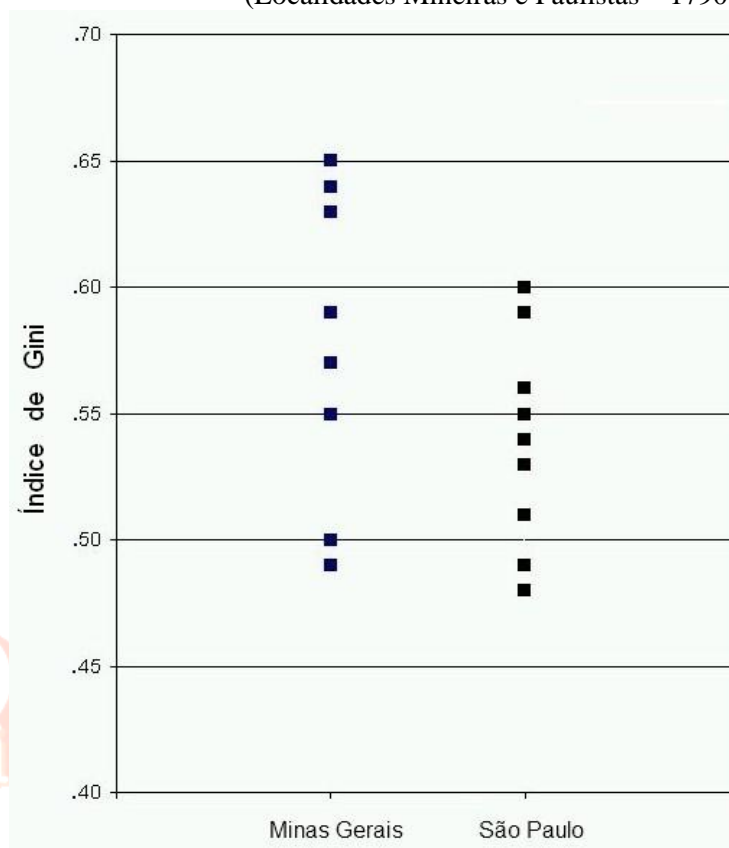


O mesmo não se pode dizer quanto ao peso relativo dos fogos nos quais se podia dispor de cativos (Cf. Gráfico 6 acima colocado).

Se bem que as distribuições indicadas no Gráfico 6 ficassem mais próximas caso excluíssemos os dois distritos nos quais todos os domicílios contavam com escravos, pois neles encontravam-se tão somente nove domicílios (3 no Abre Campo e 6 na Capela do Barreto) e conquanto haja uma sobreposição das distribuições na faixa dos 20 aos 40%, é notória a discrepância entre Minas e São Paulo, pois, enquanto naquela capitania encontravam-se várias localidades com mais de 40% de fogos com escravos e nenhum centro com menos de 28,7% de domicílios com cativos, em São Paulo não havia nenhuma localidade com mais de 40% de fogos nas mesmas condições e a

maioria delas não chegava a alcançar o limite inferior de 28,7% verificado em Minas Gerais.

GRÁFICO 7
DISTRIBUIÇÃO DOS VALORES DO ÍNDICE DE GINI
(Localidades Mineiras e Paulistas – 1790, 1804)



Já no Gráfico 7 colocado acima e no qual vão identificados os valores assumidos pelo Índice de Gini, voltamos a nos deparar com a semelhança tão marcantemente vincada no correr deste artigo.

Assim, enquanto em São Paulo encontramos graus de concentração a variarem de regulares a moderadamente fortes, em Minas Gerais, apenas três centros fugiam a tal caracterização, pois neles o Índice de Gini alçava-se acima de 0,625 a indicar estarmos a nos deparar com uma concentração considerada forte (veja-se, sobre a classificação por nós adotada para o Índice em questão, o Quadro 1 do A. E.).

A nosso juízo, a conclusão maior a ser inferida das evidências acima postas é a de que, apesar de existirem visíveis diferenças nas estruturas de posse de cativos aqui contempladas, as semelhanças eram de grande porte e definiam-se como majoritárias; ademais, o quadro acima bosquejado parece abonar, sem margem para dúvidas, a tese por nós defendida há décadas e segundo a qual vigorou no Brasil uma sociedade

escravista muito distinta daquela suposta por muitos historiadores, sociólogos e economistas que a viram larga e amplamente ocupada e dominada por um pequeno número de proprietários de grandes escravarias. Na verdade, a preeminência política característica de uma elite cujos efetivos eram numericamente reduzidos viu-se transplantada sem maiores cuidados para a complexa e nuançada vida socioeconômica de um Brasil multifacetado.

APÊNDICE ESTATÍSTICO
 TABELA 1
 DADOS CONCERNENTES ÀS LOCALIDADES ESTUDAS
 (Localidades Mineiras e Paulistas – 1790, 1804)

Localidades	Escravos	Proprietários	Fogos	Fogos c/ Escravos		Indicadores Estatísticos		
				N. Abs.	%	Médiana	Moda	I. Gini
<i>Localidades Mineiras</i>								
Mariana (a)	263	76	223	64	28,7	3,5	1	0,50
Passagem	418	96	236	89	37,7	4,3	1	0,55
Vila Rica	2.839	757	1.753	717	40,9	3,7	1	0,50
Furquim	1.023	142	318	144	45,3	7,2	1	0,65
São Caetano	681	104	---	---	---	6,5	2	0,57
Santa Luzia de Sabará (b)	5.638	936	1.757	781	44,4	6,0	1	0,63
N. Sra. dos Remédios	255	70	161	65	40,4	3,6	1	0,49
Capela do Barreto	192	18	6	6	100,0	10,7	4	0,59
Abre Campo	58	6	3	3	100,0	9,7	---	---
Gama	222	20	32	17	53,1	11,1	1	0,64
<i>Localidades Paulistas</i>								
Campinas	1.165	165	566	159	28,1	7,1	1	0,59
Curitiba (c)	1.797	356	2.018	352	17,4	5,0	1	0,53
Guaratinguetá	1.560	271	1.070	269	25,1	5,8	1	0,55
Iguape e Xiririca	1.069	235	825	234	28,4	4,5	1	0,49
Itu	3.573	380	1.045	379	36,3	9,4	1	0,59
Jacareí	497	135	971	135	13,9	3,7	1	0,48
Lorena e Areias	1.861	321	1.184	316	26,7	5,8	1	0,56
Moji das Cruzes (d)	1.671	341	1.421	338	23,8	4,9	1	0,51
São Sebastião (e)	2.410	330	854	327	38,3	7,3	1	0,60
Sorocaba	1.453	287	1.444	286	19,8	5,1	1	0,54

Obs.: a. Só analisamos um dos distritos de Mariana; b. Para Santa Luzia de Sabará os dados são de 1790 ; c. Até 1853 o território paranaense pertenceu a São Paulo; d. Para a 4.a Companhia, uma das 4 de Moji das Cruzes, os dados são de 1805; e. Para São Sebastião os dados são de 1803.

TABELA 2
 ESTRUTURA DE POSSE: PORCENTAGENS SOBRE O TOTAL
 DE PROPRIETÁRIOS
 (Localidades Mineiras e Paulistas – 1790, 1804; os valores somam
 100% para cada linha)

Localidades	Número de Escravos Possuídos				
	1 a 5	6 a 10	11 a 20	21 a 40	41 e mais
<i>Localidades Mineiras</i>					
Mariana	84,2	13,2	---	2,6	---
Passagem	80,2	12,5	3,1	3,1	1,1
Vila Rica	82,3	12,2	4,4	0,8	0,3
Furquim	72,5	11,3	6,4	7,0	2,8
São Caetano	70,2	15,4	8,6	2,9	2,9
Santa Luzia de Sabará	75,4	12,7	6,2	3,1	2,6
N. Sra. dos Remédios	84,2	12,9	---	2,9	---
Capela do Barreto	66,6	---	22,2	5,6	5,6
Abre Campo	50,0	16,6	16,7	16,7	---
Gama	50,0	20,0	20,0	5,0	5,0
<i>Localidades Paulistas</i>					
Campinas	66,8	15,2	9,6	6,0	2,4
Curitiba (b)	70,5	19,7	6,6	2,9	0,3
Guaratinguetá	68,2	17,8	9,8	3,0	1,2
Iguape e Xiririca	72,7	17,1	8,8	1,4	---
Itu	60,1	13,2	12,2	10,0	4,5
Jacareí	79,2	15,6	4,5	0,7	---
Lorena e Areias	71,2	15,0	9,4	2,7	1,7
Moji das Cruzes	72,5	17,6	8,4	1,0	0,5
São Sebastião	65,8	17,2	9,9	4,3	2,8
Sorocaba	76,7	11,8	8,3	2,4	0,8

TABELA 3
 ESTRUTURA DE POSSE: PORCENTAGENS SOBRE O TOTAL
 DE ESCRAVOS
 (Localidades Mineiras e Paulistas – 1790, 1804; os valores somam
 100% para cada linha)

Localidades	Número de Escravos Possuídos				
	1 a 5	6 a 10	11 a 20	21 a 40	41 e mais
<i>Localidades Mineiras</i>					
Mariana	50,2	27,8	---	22,0	---
Passagem	39,0	23,7	8,6	18,4	10,3
Vila Rica	47,1	24,1	16,0	5,9	6,9
Furquim	22,7	11,1	11,6	28,5	26,1
São Caetano	26,3	18,7	18,7	14,8	21,5
Santa Luzia de Sabará	27,0	15,8	14,5	14,7	28,0
N. Sra. dos Remédios	51,4	23,9	---	24,7	---
Capela do Barreto	19,3	---	33,3	19,3	28,1
Abre Campo	10,3	15,5	20,7	53,5	---
Gama	8,5	14,0	23,9	16,2	37,4
<i>Localidades Paulistas</i>					
Campinas	21,6	16,6	19,6	25,4	16,8
Curitiba	31,7	28,8	20,0	15,8	3,7
Guaratinguetá	26,8	23,1	25,2	14,5	10,4
Iguape e Xiririca	36,5	28,5	27,4	7,6	---
Itu	16,2	10,7	18,9	28,8	25,4
Jacareí	45,0	30,6	17,8	6,6	---
Lorena e Areias	28,5	20,6	24,9	13,5	12,5
Moji das Cruzes	34,8	25,8	24,3	7,6	7,5
São Sebastião	21,7	17,6	19,5	15,9	25,3
Sorocaba	36,3	17,8	24,3	14,7	6,9

QUADRO 1
ÍNDICE DE GINI: CLASSIFICAÇÃO DOS GRAUS DE
CONCENTRAÇÃO

VALOR DO ÍNDICE	GRAU DE CONCENTRAÇÃO
0,000	NULO
0,001 – 0,100	FRAQUÍSSIMO
0,101 – 0,250	FRACO
0,251 – 0,400	FRACO A REGULAR
0,401 – 0,500	REGULAR A MEDIANO
0,501 – 0,625	MEDIANO A MODERADAMENTE FORTE
0,626 – 0,725	FORTE A MUITO FORTE
0,726 – 0,875	MUITO FORTE
0,876 – 0,999	FORTÍSSIMO
1,000	ABSOLUTO



www.revistafenix.pro.br

RECEBIDO EM: 22/04/2015

PARECER EM: 17/12/2015